

Lula passa a ter mais votos entre independentes

Movimentação entre aqueles que não têm posição definida pode decidir eleição

Montagem sobre fotos da Agência Brasil

Por Gabriela Gallo

O novo levantamento da Pesquisa Genial/Quaest, divulgada nesta quarta-feira (10), reforça o que as últimas pesquisas eleitorais têm apontado quanto à queda de desempenho do senador e pré-candidato à Presidência Flávio Bolsonaro (PL-RJ), o principal adversário eleitoral do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

O levantamento, no entanto, aponta para um dado que, segundo o diretor da Quaest, Felipe Nunes, é o mais importante desta rodada. Lula passou a ser a opção da maioria daqueles que se declaram “independentes”, nem lulistas nem bolsonaristas. Segundo Felipe Nunes, os independentes representam cerca de um terço do eleitorado.

A pesquisa apontou que, entre os eleitores que se declaram independentes, o petista subiu de 29% para 37% nas intenções de voto, enquanto o primogênito do clã Bolsonaro apontou queda de 31% para 24% nas intenções de voto. Ou seja, na rodada anterior, era Flávio quem liderava no segmento. Agora, é Lula.

O levantamento ouviu, entre os dias 5 de junho a 8 de junho, 2.004 eleitores brasileiros distribuídos entre 120 municípios de todos os estados com mais de 16



Lula abriu nove pontos sobre Flávio Bolsonaro

anos. A margem de erro é de dois pontos percentuais e o nível de confiança é de 95%.

Indecisos

Do total de entrevistados, 64% declararam que sua escolha de voto é definitiva e 36% afirmaram que estão abertos para, eventualmente, trocarem de voto. Portanto, um terço da população ainda não definiu com certeza em quem votará nas eleições presidenciais de outubro. E para o diretor da Quaest, Felipe Nunes,

esse eleitorado também será decisivo no resultado final.

“O nível de polarização e calcificação permanece, os 35% de um lado e do outro dão um piso muito alto para essas duas candidaturas, mas quem vai definir eleição é um eleitor indeciso, independente, pragmático e que vai acompanhar o noticiário, a economia, os escândalos”, disse Nunes, em entrevista ao Uol.

Em um cenário fictício de primeiro turno, o presidente Lula contabiliza 39% das inten-

ções de votos, o senador Flávio Bolsonaro 29% dos votos, o ex-governador de Goiás Ronaldo Caiado (PSD) e Renan Santos (Missão) contabilizam 3% das intenções de votos. O ex-governador de Minas Gerais Romeu Zema (Novo) e o ex-deputado federal Aécio Neves (PSDB) têm 2% das intenções de votos, cada um. Nesse cenário, 9% dos entrevistados afirmaram que votariam em branco ou nulo e 10%, os classificados como “indecisos”, não souberam responder. Lula, assim,

abriu uma vantagem de dez pontos percentuais sobre Flávio, seu principal adversário.

Em um eventual segundo turno eleitoral entre os principais candidatos que disputam o cargo para o Palácio do Planalto, Lula conta com 44% das intenções de voto, Flávio Bolsonaro tem 38% das intenções de voto. Com relação à rodada anterior, Lula subiu dois pontos, e Flávio caiu três pontos. Antes, havia empate entre os dois. Agora, Lula tem, de fato, uma vantagem acima da margem de erro da pesquisa.

Vorcaro

A Quaest volta a apontar que o principal fator da queda de desempenho de Flávio Bolsonaro segue sendo a revelação de que ele pediu dinheiro, R\$ 134 milhões, a Daniel Vorcaro para financiar o filme “Dark Horse”, sobre seu pai, o ex-presidente Jair Bolsonaro.

Essa situação é que parece ter provocado a movimentação entre os independentes. Para 65% dos entrevistados, Flávio errou ao pedir o dinheiro a Vorcaro para o filme.

E 62% dizem achar que o senador e candidato pelo PL à Presidência já saberia que Vorcaro estava envolvido em corrupção quando fez o pedido de recursos.

Governo discutirá tarifaço com EUA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) se reuniu nesta quarta-feira (10) com os membros do Conselho de Desenvolvimento Econômico Social Sustentável, conhecido como “Conselhão”. Dentre os temas tratados na reunião, os presentes discutiram a ameaça de novas tarifas aplicadas pelos Estados Unidos a produtos brasileiros, que está prevista para começar a partir da próxima segunda-feira (15).

Durante a reunião, que ocorreu no Palácio do Itamaraty, Lula destacou que o Brasil não pode aceitar de maneira passiva as novas tarifas determinadas pelo governo de Donald Trump (Republicano). Para além de uma reunião ministerial, o Conselho também inclui parlamentares, empresários e a sociedade civil para debater as metas de desenvolvimento do país.

“Preciso que me apresentem um estudo urgente do que ganha um trabalhador americano. A última imputação de taxa que coloca-



Lula: Brasil “não aceitará passivo” sobre taxa

ram para nós, não temos que aceitar por dignidade e respeito ao que fazemos aqui pelos trabalhadores brasileiros. Quero saber quais são os direitos que os trabalhadores americanos têm para vir um tal de diretor financeiro de não sei das quantas impor multa”, disse Lula na abertura do encontro.

Dias após o encontro entre Donald Trump e o senador e pré-candidato à Presidência Flávio Bolsonaro (PL-RJ), o governo norte-americano propôs uma nova aplicação de tarifas de 25% sobre mercadorias brasileiras por supostas práticas desleais na relação entre os países, na avaliação do

governo americano. Um dos argumentos do Representante Comercial dos Estados Unidos (USTR) foi que os pagamentos via Pix estariam prejudicando serviços de pagamento dos EUA, como empresas de cartões de crédito.

Em conversa com a imprensa pouco antes da reunião do

Conselhão, o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Márcio Elias Rosa, afirmou que a equipe econômica do governo deve se reunir com o representante de Comércio dos Estados Unidos, Jamieson Greer, até o fim desta semana. Questionado pela imprensa, ele negou um possível encontro entre Lula e Trump na Cúpula do G7, que ocorrerá entre os dias 15 e 17, na França.

TCU

Ainda nesta quarta-feira, o Tribunal de Contas da União (TCU) aprovou, com ressalvas, as contas do governo federal referentes ao exercício financeiro de 2025.

Os ministros aprovaram, por unanimidade, o relatório do ministro Benjamin Zymler, que avaliou que as contas “são fidedignas”, porém, ele também apontou problemas no controle de renúncias fiscais e na trajetória da dívida pública.